

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

As pesquisas de Herbert Dennis Bradley com o médium George Valiantine

Extraídos da obra
Herbert Dennis Bradley - Rumo às Estrelas

CAPÍTULO II

REVELAÇÃO

Aparecem Joseph De Wyckoff e George Valiantine - Por que o autor detesta hinos - O quinto ser - O autor fala com sua irmã falecida - Acontecimento extraordinário - Os reinos do desconhecido - O pêndulo entre a vida e o Além - “O peso do conhecimento se atenua com a leveza do riso” - “A gravidade é a carga dos asnos” - Espíritos.

16 de junho, 1923

Em junho de 1923 fiz minha primeira entrada na América, e depois de uma semana de visitas encontrei-me dono do meu tempo.

A vida em New York, Filadélfia e Atlantic City não me impressionou nem me seduziu, mas meu intento aqui não é analisar a vida americana.

Direi apenas que depois de fazer o que para lá me levara, tive oportunidade de aceitar o convite de um amigo, Joseph De Wyckoff, para uma estada em sua casa de campo, Arlena Towers, em Ramsey, estado de New Jersey. Ramsey fica a vinte e cinco milhas de New York, de modo que eu podia ir e vir de auto, sempre que quisesse.

Arlena Towers está situada num lugar alto e lindo. Consta de duzentos ou trezentos acres de terras agradavelmente afeiçoadas, de um lago onde se pescam peixes para o almoço e de um campo de golfe onde os da casa exercitam os músculos.

De Wyckoff é russo de nascimento, mas vive na América há mais de trinta anos. inteligente, hábil crítico, astuto. Na profissão de advogado, que exerceu, acumulou muita riqueza.

Em Arlena encontrei outro hóspede, Joseph Dasher, rapaz de vinte anos, estudante.

Dos meus encontros com De Wyckoff na Inglaterra vim a saber que era dado a estudos de espiritualismo, e sobre o tema conversamos ligeiramente. Mas eu nada conhecia do assunto, que além de interessar-me muito pouco eu encarava com o maior ceticismo.

Em Arlena Towers, De Wyckoff perguntou-me se desejava assistir a uma sessão espírita, ou o que quer que fosse. Respondi que sim, vendo nisso apenas algo de divertir, e ele telefonou a um médium de nome George Valiantine, convidando-o a passar conosco o fim da semana.

*

Antes do jantar, nesse sábado de junho de 1923, tive curta palestra com Valiantine. Psicólogo nato e estudioso do caráter das pessoas, formo minha opinião sobre os homens dentro de poucos minutos.

Até então jamais me encontrara com um médium, genuíno ou simulado, e por isso aquele me interessou como bem típico. Deu-me a impressão de um americano comum, simples no trato e no falar. Não sabia expressar-se com fluência; não revelava educação superior nem leituras. Mas não percebi nele os silêncios capciosos, as evasões hábeis ou a exuberância efusiva que trai os charlatões ou os piratas.

Tinha a voz normal e agradável, mas como que denunciativa de

escassa educação. Anoto este detalhe pela importância que tem na seqüência desta história.

Fomos quatro para a mesa: De Wyckoff, Dasher, Valiantine e eu. A Lei Seca estava em vigor, mas apesar disso eu podia louvar a adega do meu anfitrião. Naquela noite, entretanto, só tivemos água gelada. Não gostei, mas apreciei a precaução; ninguém poderia atribuir ao álcool nada do que ocorresse.

Terminado o jantar e tomado o café, conversamos por meia hora mais ou menos sobre vários assuntos, nenhum deles ligado ao espiritualismo. Em seguida fomos para o quarto onde ia realizar-se a sessão.

Quarto de toalete, com ampla janela de sacada e porta para o banheiro - o banheiro que o separava do meu dormitório. Outra porta para o corredor. Móvelia simples. Antes de aberta à sessão as portas foram fechadas e encostadas com móveis. Impossível a alguém entrar ou sair.

Dos quatro presentes eu podia atestar a integridade mental de três - a minha, a de De Wyckoff e a de Dasher; este jamais assistira a uma sessão espírita.

De Wyckoff colocou nos pulsos do médium uma fita fosforescente, de modo que pudéssemos no escuro discernir o movimento de suas mãos. Sentamo-nos em círculo, ou melhor, nos quatro cantos de uma mesa, afastados uns cinco pés um do outro. No centro colocaram-se duas cornetas de alumínio, com as extremidades fosforescentes. Quando as luzes elétricas foram apagadas, tive a impressão de que tudo não passava de uma idiotice. Como pessoas inteligentes se submetiam a coisas tão infantis? Pus-me a imaginar de que maneira um homem fino como De Wyckoff pudera ser induzido a perder tempo com tais bobagens.

Quedamo-nos sentados e a conversar em tom natural sobre vários assuntos - mas é coisa insulsa isso de conversa de matar o tempo, sobretudo quando só entre homens. A hora se passava sem que nada sucedesse. Cantamos o “Tipperary”, o “John Brown's Knapsack”, o “Clementina” e outras coisas na moda que nos foram ocorrendo. Nenhum tinha voz aceitável, sendo a minha a pior de todas. Retomamos depois a conversa - e comecei a aborrecer-me e a filosofar sobre a estupidez humana. Que pena! Perder meu tempo ali, quando na biblioteca existiam livros que eu desejava ler e uns conhaques que me sabiam tão bem. Muito

preferível à rotina usual da vida àquela estulta exibição de imbecilidade.

Depois cantamos hinos. Isso foi pior. Podia ser ótima a intenção, mas sempre tive horror à miserável música dos hinos. Também lhes detesto os versos maus, e minha inteligência se revolta com o rastejante pedinchamento à Deidade. a qual até deve ofender-se com tão ineptas reiteraões.

Vinte minutos se passaram assim. Se o propósito de tais cantorias era alcançar os presentes uma certa passividade mental, criando uma atmosfera de comunhão de pensamentos confesso que de minha parte o resultado não foi atingido.

Por felicidade a expressão do meu rosto não podia ser vista no escuro; meu nariz estava torcido demais e meus lábios só denunciavam desprezo.

Eis a minha atitude mental naquele momento; a princípio, meio interessado na “brincadeira”; depois, irritado; depois, com a irritação transformada em desprezo. Nenhuma esperança de ilusão, de encantamento, de exotismo; nada além de um cérebro frio já cansado com aquela excepcionalmente sorna exibição.

Foi quando, sem nenhum aviso, o assombroso aconteceu.

*

Sobreveio repentino e profundo silêncio, e senti a presença de alguém mais no quarto. Suave voz de mulher soou. Chamava-me pelo nome, e essa voz, vinda da distância de um metro à minha direita, revelou-se-me cheia de ternura.

Conservei minha calma habitual e o meu senso de observação. Não me senti nem de leve perturbado ou afetado, e foi em tom natural que respondi: “Sim”. Meu nome de batismo foi repetido duas vezes. A voz mostrava-se alegre como a de um amigo que revê outro depois de longa ausência.

- Sim, estou aqui. Que tem a me dizer?

- Ó, eu te quero muito, muito! exclamou a voz.

Essas palavras foram ditas num tom carregado de beleza e ternura. Muitas vezes na minha vida comum as ouvi equivalentes, simplesmente faladas ou declamadas pelas grandes atrizes, mas nunca com aquele

indizível acento de ternura.

Meu espírito consultou a memória, na tentativa de achar no passado quem assim me amasse, mas nada descobriu.

- Poderá dizer-me quem fala? Indaguei.

- Annie, foi à resposta.

Tive num relâmpago a compreensão de tudo, mas com o natural ceticismo de quem pela primeira vez defronta o inexplicável, pedi que se identificasse melhor.

- Annie, sua irmã.

Sim, era ela, Annie! - e pusemo-nos a conversar em voz clara, perfeitamente audível, como conversam duas criaturas da terra; e mutuamente nos dissemos mil coisas maravilhosas.

O diálogo foi ouvido por todos os presentes, nenhum dos quais sabia das minhas relações com Annie, nem sequer que eu tivera uma irmã com esse nome, falecida dez anos atrás.

Eu e Annie tínhamos sido duas criaturas afins, com uma compreensão recíproca bem pouco vulgar entre irmã e irmão. E dado o meu temperamento inquieto, irritável, indagador e insubmisso, essa afinidade foi coisa que não senti para com qualquer outro membro da minha família.

Compreensão inexprimível, e nem sequer articulada, porque a articulação era desnecessária. Um pouco mais idosa que eu, Annie possuía muita leitura e um intelecto por demais desenvolvido para que os tolos a apreciassem.

Tinha a voz suave e finamente modulada, e sua dicção em público era única. Jamais encontrei mulher que falasse igual a ela.

Naquele momento, ao dirigir-se a mim depois de dez anos de separação, falou-me com todas as peculiaridades da sua maneira pessoalíssima de dizer. Cada sílaba tinha a enunciação perfeita de outrora; a entonação, a mesma.

Durante quinze minutos conversamos sobre assuntos que só a ela e a mim nos era dado conhecer.

Disse Annie que por vários anos tentara comunicar-se comigo; que nunca me abandonou; que sempre me tem guardado e acompanhado em minhas viagens. Sabia dos livros que eu escrevera e de outras coisas

sucedidas depois de sua morte. Disse que quando eu ficava só em meu quarto, a trabalhar, seu espírito vinha para meu lado e procurava facilitar meu pensamento. Ao discutir meus livros revelava doce e delicada timidez de voz. “Quando você está escrevendo, eu sempre procuro ajudá-lo:”.

Perguntei de sua vida no Além, e respondeu-me estar perfeitamente feliz. Vida sem dor - maravilhosa!

Estava radiante de ter descoberto meio de comunicar-se comigo. Conversamos tanto, e tão intimamente, que por fim nos sentimos vexados de estar tomando quase todo o tempo da sessão com uma palestra assim pessoal. A nota dominante na fala de Annie era a da alegria máxima - a alegria da eternidade, a magnificente alegria da sobrevivência, da certeza de progressos sobrenaturais, do conhecimento do que para nós é inconcebível.

Antes que se retirasse perguntei-lhe se viria conversar comigo na noite seguinte. Prometeu-me que sim.

Dissemo-nos “Boa-noite!” - e no ar soou o ruído de um beijo.

*

Eis o singelo relato do mais espantoso acontecimento da minha vida. Mas desde o primeiro instante tudo me pareceu natural; o sobrenatural tornou-se-me natural e aceitável à razão. A dúvida desaparece quando uma prova esmagadora a defronta; o espírito instantaneamente passa a aceitar o que até então lhe parecia absurdo.

Críticos literários chamam-me céptico, cínico, iconoclasta. A linguagem de sempre, em todos os casos em que as máscaras da mentira e da hipocrisia são arrancadas - as máscaras com que, na sua fraqueza, a grande maioria procura disfarçar-se. Quando a hipocrisia esconde qualquer coisa, temos que olhar isso como um insulto à inteligência. A prostituição não pode dar-se como virtude.

A verdade tem que ser aceita com as calorosas boas-vindas devidas a um raro porém honroso viajante.

Logo que me defrontei com a maravilhosa verdade revelada por minha irmã, recebi-a com o respeito e a atenção que lhe eram devidos.

Como eu não mortificasse Annie com vulgaridades dubitativas, foi-me dado receber em poucos minutos o conhecimento completo e a prova perfeita da existência de esferas supraterestrres. A despeito das inumeráveis religiões, ainda no coração dos que as aceitam e praticam subsiste uma considerável dose de dúvida quanto à sobrevivência depois da morte. Para as pessoas de intelecto desenvolvido é tão forte esta dúvida, que o mais que podem admitir é a possibilidade de alguma forma de vida além da comum; mas esta crença tem muito de ficção imaginativa determinada pelo medo da morte. Coeso da mais devastadora guerra da história e dos efeitos igualmente devastadores da paz, vivendo na era do tumulto feito governo e do ódio erguido à categoria de suprema lei humana, eu não achava razão nenhuma para que a vida do homem fosse eterna. A civilização tornara-se-me uma farsa e a palavra humanidade um nome sem sentido. Alegar a superioridade do homem sobre os outros animais soava-me a absurdo. Os animais têm a inteligência de não se exterminarem a si próprios.

Era assim que eu pensava em Arlena Towers, naquela noite de junho. Gélido de temperamento, determinado a lutar com boas armas na guerra da vida e a proteger-me a mim e aos meus, ser-me-ia impossível, quando a hora derradeira sobreviesse, agarrar-me à fé vicejada em meu peito nas primeiras fases da vida - e arruinada quando verificuei a podridão circundante.

Minha glacial faculdade crítica não passa de criação minha, filha da minha desilusão. Constitui agora parte de mim mesmo, que reterei sempre, tanto nesta como em outra vida que eu eventualmente alcance.

Ponho aqui esta explanação do meu temperamento como réplica a qualquer sugestão de sentimentalismo emotivo, explicatório das maravilhosas experiências e do grande conhecimento que adquiri durante estes últimos meses.

Quando a narrativa das minhas experiências apareceu no “Daily News”, de Londres, um amigo, que além de ser um dos maiores escritores ingleses é um dos mais fecundos intelectos que conheço, confessou que, conhecendo-me como me conhecia, tinha de aceitar a verdade do relato, mas que o explicava como um extraordinário fenômeno de subconsciência.

Esta teoria do subconsciente constitui o recurso último dos adiantados que ainda não vieram a conhecer por experiência própria a maravilhosa realidade.

Mas não vejo possibilidade de o subconsciente produzir a conversa realizada entre mim e minha irmã. Ainda que o subconsciente pudesse produzir sons audíveis, esses sons só poderiam ser ouvidos pela fonte que os emanou.

Ao dar-se aquilo, porém, eu não estava pensando em Annie; estava mesmo tão longe dela que tive de voltar-me ao passado para recordar sua voz.

Para satisfação dos cépticos, deixem-me analisar as possíveis hipóteses de truques por parte de Valiantine.

A imaginação nenhum papel representou em nossa experiência. Tenho ouvidos de extraordinária agudeza. A voz não partira da boca do médium, nem sequer do lado em que ele se achava. Valiantine não se moveu da sua cadeira, nem caiu em transe, nem fez nenhuma sugestão, nem tomou a menor parte no caso, desde que minha irmã começou a falar até que nos deixou. Permaneceu imóvel, calado, atento.

A hipótese de ventriloquismo é grotesca. Homem nenhum consegue imitar, sem o uso da boca, as qualidades da voz natural; e além disso ninguém poderia falar com as características de Annie, com a sua enunciação individual, sua escolha de palavras e seu conhecimento de fatos só dela e de mim sabidos.

Quem de súbito chega a um ponto do caminho de onde descortina a filosofia da vida e do Além, é natural que demore os olhos surpresos na paisagem nunca sonhada. As portas do intelecto abrem-se-lhe de par em par e novos campos de conhecimento convidam-no a viagens de descoberta.

Mas por mais que nosso espírito revoe alto e se esforce, as limitações terrenas impõem-nos a atitude da criança que pela primeira vez demora os olhos no alfabeto.

Neste livro descreverei minhas experiências e o que delas decorrem. Pouco importa que os leitores aceitem minhas teorias ou minha filosofia. Não sou nenhum missionário em procura de prosélitos.

A coisa única que proclamo é a verdade da narrativa. Não a embelezo

com decorações e arranjos.

Creio que a Verdade é a grande força oculta no imo da criação. E creio também que é tempo de essa verdade abrir-se para o coração dos homens. A Verdade repousa sobre sólidos alicerces e não pode ser confundida com a fantasia e a ilusão.

A Verdade que me foi mostrada ergue-se sobre o pedestal indestrutível de um fato; de um fato inexpugnável aos ataques da dúvida, e por sua substância espiritual impérvio a qualquer tentativa material de denegação.

Desde o primeiro momento esse fato deixou de ser um objeto de dúvida, porque se tornou matéria de conhecimento. E com este conhecimento meu cérebro, limpo dos embaraços da filosofia material, sentiu-se livre de erguer-se às paragens do Desconhecido.

Se me demorei na análise da origem do meu novo pensamento, foi porque a tenho como a solidíssima base que alcancei de súbito e que me habilitou a em poucos meses realizar tremendos vôos mentais.

*

Depois da partida de minha irmã a sessão prosseguiu por ainda duas horas, durante as quais cinco novos espíritos vieram conversar conosco, cada qual falando com seu acento personalíssimo.

As vozes vinham de vários pontos do recinto. Vinham como que do teto, ou do alto de um dos cantos do aposento. De nenhum modo podiam ter sido obra de um ventríloquo, já que às vezes partiam de vinte pés distante do médium.

Se alguém aventar a ridícula hipótese de ventriloquismo, terá de admitir que Valiantine é o maior mímico e o maior ator falante que o mundo jamais viu, visto que nessa noite seis tipos distintos de vozes foram ouvidos, com suas peculiaridades pessoais de cadência, sonoridade e inflexões.

Mas essa hipótese desaparece em absoluto diante do fato de Valiantine falar simultaneamente com as vozes do Além. Em dados instantes sua fala se misturava à do espírito, como acontece nos salões em que se reúnem várias pessoas.

As cornetas de cima da mesa só foram usadas por um ou dois espíritos. O recurso às cornetas vem de que aumentam o volume das vozes fracas. Uma ou duas vezes antes da entrada do espírito já a corneta flutuava no ar e circulava pelo recinto.

*

O segundo espírito que se manifestou foi o do ocupante de Arlena Towers antes de De Wyckoff. Anunciou-se como Artur Brandise, de quem, pouco antes de sua morte, De Wyckoff adquirira a propriedade. A conversação entre o antigo e o novo proprietário correu muito pessoal e fluente.

Brandise confessou-se feliz na esfera para a qual havia passado. Nada o poderia fazer retomar a vida na terra, mas apesar disso conservava o seu interesse pela propriedade e gostava de conversar a respeito dela. Comentou várias modificações exteriores que De Wyckoff havia realizado.

*

O seguinte a aparecer foi um índio canadense, que falava francês e mal inglês. Anunciou-se como “Kokum” - e era um dos espíritos-guias de Valiantine.

O aparecimento de Kokum foi dramático. Do alto do teto desceu uma voz poderosa, como jamais conheci nenhuma, que exclamou: “Kokum, aqui.” Sua voz grossa de baixo profundo encheu o quarto e fez-me rir. O índio manteve conversa com todos os presentes. Eu pouco tive que lhe perguntar, mas o que perguntei me foi respondido de modo agradável.

De Wyckoff já se comunicara com ele anteriormente e sabia sua história. Pediu-lhe para cantar, e o índio, depois de alguma insistência, rompeu com “La Paloma”.

Nunca em minha vida encontrei voz igual - de ouvir-se a um quarto de milha distante. Não havia nela nenhuma qualidade musical, mas o volume era tamanho que me provocava o riso. Isso enfadou o índio, que parou e declarou não continuar porque eu me ria dele. Foi-lhe explicado

que meu riso vinha apenas da surpresa diante de tanta força vocal - explicação que o satisfaz e o levou a prosseguir. Depois que concluiu e recebeu nossos agradecimentos, ocorreu-me perguntar-lhe se o dono de tal voz possuía força correspondente - e se queria tocar-me.

Num segundo, dedos invisíveis bateram-me na cabeça amistosamente.

Descrevo em tom leve este incidente não só porque o merece como porque tal tom se sintoniza com o meu estado de espírito na ocasião; mas devo frisar que essa voz gigantesca soava dentro do quarto e estou certíssimo de que nenhum dos presentes poderia produzi-la.

Assim como na terra o pêndulo oscila entre a farsa e a tragédia, será que em outras esferas oscila entre a beleza e o divertimento? Devemos admitir que a inteligência no Além possua tantos graus de variação como sucede à nossa inteligência aqui? Continua o espírito a aprender e a desenvolver-se? Impossível alcançar de chofre os cumes do conhecimento - nem mesmo em séculos. Estamos ainda na primeira infância, e em outro plano passaremos a uma segunda infância.

O peso do conhecimento é aligeirado pela leveza do riso. A seriedade absoluta nunca pode gerar convicção, e sua esterilidade denuncia falta de inspiração. Na terra a seriedade pesada constitui a carga dos asnos. O homem de sabedoria traz o humor à flor da pele.

*

Logo depois da retirada de Kokum apareceu um espírito a falar em dialeto irlandês. Já havia, disseram-me, se manifestado em outras ocasiões e foi reconhecido e saudado por De Wyckoff e Valiantine. Pat O'Brien, chamara-se na terra o homem habitado por esse espírito, já morto havia quarenta e dois anos. Fora carpinteiro em Chicago; a morte o havia colhido em viagem de retorno à Irlanda.

A conversa entre Pat, De Wyckoff e Valiantine revelou-se cordial e amiga, pontilhada aqui e ali de toques de alegria. Isso me interessou muito mais que um chá elegante no Mayfair.

Também trocamos frases, e em certo ponto De Wyckoff interveio, dizendo: Suponho, O'Brien, que Bradley é irlandês, embora o não

proclame: Mas O'Brien não concordou, e, em tom levemente agressivo: “Não é irlandês, não. Sim, um pequeno John Bull:”.

Penso que Pat me julgou pela aparência física, porque já um repórter americano me havia descrito como “um inglesinho alerta que parecia esfregado de fresco”. Esse aspecto físico, e também o fato de nas minhas réplicas não me denunciar como irlandês, fez que Pat não se iludisse. Não obstante declarei-lhe que minha gente viera de Galway, mas que eu fora educado em Londres. Isto de nenhum modo o impressionou, e creio mesmo que não me deu crédito.

Por fim a personalidade de Pat O'Brien desapareceu do quarto.

*

Depois deste irlandês surgiu um espírito que falou em voz extremamente aguda. Vim a saber que era Bert Everett, o principal espírito-guia de Valiantine. Aparece sempre em todas as sessões. Everett foi cunhado do médium, tendo falecido havia já dezoito anos. Graças a ele é que Valiantine descobriu suas faculdades mediúnicas.

Um espírito excepcionalmente alegre, o de Everett; tinha o hábito de rir-se gostosamente de tudo. Falava com rapidez e muita volubilidade, sempre bastante pessoal.

Perguntei-lhe umas tantas coisas sobre a existência dos espíritos e, seguro de si, suas respostas foram claras e fáceis.

Sua filosofia era a seguinte. A comunicação entre os espíritos e os da terra tem por fim estabelecer a fé na imortalidade. O pensar é a coisa mais importante da vida. Pensamentos invejosos, ou maus em geral, perturbam-nos, restringem-nos a atmosfera. Um homem é literalmente o que esse homem pensa. Seu caráter resulta da soma dos seus pensamentos. O árduo e construtivo trabalho mental dão origem a desenvolvimentos felizes e indizíveis bênçãos. Na terra foi Everett muito estreito em sua religiosidade; há carolice excessiva nas religiões cristãs, disse ele. Mas antes melhorou do que piorou com a prática da religião. O amor é o segredo da vida. E o ódio, a coisa pior. Esses dois sentimentos determinam fortes vibrações; o amor, vibrações harmoniosas; e ódio, vibrações discordantes.

Ficaram para sempre em minha memória as suas últimas palavras antes de retirar-se. Não foram pronunciadas dramaticamente, mas com firmeza e convicção. “Só existe uma grande realidade a imortalidade.”

*

Ao tempo da partida de Everett estávamos já com mais de duas horas de sessão, mas a despeito das pausas o tempo havia corrido com rapidez.

Começamos a discutir se poríamos fim aos trabalhos. Súbito, um som inarticulado se fez ouvir: uma das cornetas moveu-se, ergueu-se à pequena altura e caiu. A seguir, um som assobiado. Novamente a corneta ergueu-se, como se movida por considerável esforço e dela saiu um murmúrio impossível de ser interpretado. Perguntamos quem estava querendo falar. Aos poucos a voz ganhou intensidade e enunciou um nome novo para nós. Com dificuldade e gradativamente, sempre por meio da corneta, viemos a saber tratar-se do espírito de um Dr. Krauskopf, que desejava confiar-nos certa mensagem. Sua voz gutural foi lentamente adquirindo força, até que soou alta. Tinha um rude acento judaico, muito pronunciado.

Esse espírito mostrava-se desesperadamente ansioso por fazer-se entendido, o que muito prejudicava a sua manifestação. Impaciente em excesso. Só depois que lhe pedi o nome letra por letra, é que pudemos identificá-lo.

Joseph Dasher ajudou-me a reter as letras. Era o Reverendo Dr. Joseph Krauskopf, morador na Avenida Prilaski n° 4715, em Filadélfia, graduação pelo Seminário Hebraico de Nova York e autor de várias obras. Havia morrido seis dias antes. Esse espírito usava a palavra “morrer”, embora os médiuns espiritualistas, bem como os espíritos, nunca falem assim; dizem “passar”. (Tem sua significação o fato de Krauskopf inconscientemente empregar uma expressão da terra). Seu corpo, disse-nos ele, fora cremado, e muitas vezes seus colegas e amigos debateram um ponto se a cremação afetava a vida do espírito. A mensagem que ele queria transmitir-lhes era esta “O espírito sobrevive à cremação”.

Logo que a recolhemos, Krauskopf emudeceu, dando-nos a impressão de ansioso por afastar-se, como se estivera muito apressado e só

aparecesse para aquilo.

Deixou-nos depois destas palavras: “Muito vos agradeço, meus senhores, pelo serviço de levardes minha mensagem aos amigos.” Apesar da polidez do agradecimento notamos a autoridade do tom, mais reveladora duma personalidade autoritária do que de alguém que pede. Utilizava-se de nós como de quatro simples mensageiros, o que não deixou de me ofender.

O mais curioso foi revelar tamanha pressa em ir-se que, começando sua frase de agradecimento no meio do quarto e através da corneta, derrubou-a logo a seguir e disse a última palavra já longe de nós, num dos cantos do teto.

Uma saída extraordinariamente viva - impacientes, urgentes, dramáticas e reais. Cena tão prodigiosa, que se não fora o anterior colóquio com minha irmã eu a teria tomado como ilusão.

*

Meia-noite; levantamos a sessão, acendemos as luzes, arrumamos os móveis e fomos tomar qualquer coisa no cômodo próximo.

Valiantine achava-se em condições perfeitamente normais, o mesmo se dando com os outros; na realidade ele não fizera nada, além de conservar-se sentado e falar com os espíritos, como todos nós o fizemos. Suas faculdades mediúnicas parecem-me prodigiosas. Funciona como instrumento de produzir comunicações apenas. Não age como receptor; as vozes não se manifestam pela sua boca, nem sequer partem do lugar onde ele está. Um perfeito magneto passivo.

Qualquer tonto imaginará explicações para tudo isso; um homem inteligente apenas conclui pela realidade do sobrenatural.

*

Foi-me agradável comer um sanduíche e beber um brandy com soda, e foi-me esplêndido sentir que aquele sonho não o era, e sim a verificação da eternidade. As figuras desconhecidas com as quais me comuniquei permaneceram reais quando o acender das luzes nos restabeleceu a visão

física; mas a estranha luz do novo conhecimento passou a brilhar como um farol plantado na rocha adamantina da verdade - luz inextinguível, que assalto nenhum apagará, que desafio nenhum apequenará. Eu havia conversado com o espírito de minha irmã sobre coisas desconhecidas e inexplicáveis... **Fim**